



A fraternidade cristã e ecologia integral no Papa Francisco: uma reflexão teológica sobre um novo humanismo a partir do cristianismo

Christian fraternity and integral ecology in
Pope Francis: a theological reflection on a new
humanism starting from Christianity

*André Luiz Boccato de Almeida**

PUC-SP

*Julian Carlos de Camargo***

PUC-SP

*Lupeke Nicholaus Prosper****

PUC-SP

Recebido em: 28/09/2024. Aceito em: 28/10/2024.

* Pós-Doutor em Teologia (Pontifícia Universidade do Paraná, PUC-PR, Curitiba, 2019). Doutor em Teologia Moral (Pontifícia Università Lateranense, Roma, 2016). Mestre em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo, 2010). Especialista em Educação Sexual (UNISAL, São Paulo, 2009). Psicanalista (IBCP, 2011). Professor de Teologia na PUC-SP. Vice-Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia na PUC-SP. Pesquisador na área de teologia, ética cristã, teologia moral, bioética, psicanálise e no diálogo entre fé e razão a partir da educação, Tomás de Aquino e Paulo Freire.

E-mail: a.l.boccato@gmail.com.

** Mestrando em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo). Bacharel em Teologia (Instituto de Teologia São João Paulo II, Sorocaba, 2021). Licenciado em Filosofia (Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2017). Presbítero da Arquidiocese de Sorocaba.

E-mail: julian.sor@hotmail.com.

*** Mestrando em Teologia (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC-SP, São Paulo). Bacharel em Teologia (Instituto São Paulo de Estudos Superiores, ITESP, 2023). Licenciado em Filosofia (Jordan University College, Juco, Tanzânia, 2017).

E-mail: profelix41@gmail.com.

Dossiê





Resumo: O presente artigo analisará o tema da fraternidade cristã e ecologia integral no Papa Francisco, a partir de uma abordagem teológica de um novo humanismo que brota deste pontificado que tem a sua fonte da perspectiva cristã. Propõe-se destacar a centralidade de uma visão humanista centrada no respeito à criação, à casa comum, ao Planeta, a todos os seres que habitam e se relacionam com o ser humano, que vive uma crise de convivência e de aceitação de que não está no centro de um modo único. O ser humano ocupa sim, a centralidade no plano da criação, mas desde que assuma com responsabilidade e ética o cuidado e promova o bem comum, contudo, neste artigo, se discutirá os limites desta realidade. A reflexão se conduzirá mediante três partes. Na primeira, serão apresentados os grandes desafios contemporâneos à fraternidade humana que impactam diretamente e indiretamente a boa convivência de todos os seres entre si. Na segunda, se procurará analisar o sentido do humanismo cristão na reflexão teológica. Nesta se compreenderá a importância de um posicionamento que denuncie um paradigma que pode conduzir a humanidade a uma deterioração do sentido de convivência e de fraternidade. Por fim, se refletirá a emergência do novo humanismo, inaugurado no atual pontificado do Papa Francisco, com sua proposta de recuperar o verdadeiro sentido do cristianismo enquanto fonte de sentido para uma ecologia de respeito e cuidado com a casa comum. Objetiva-se, com este artigo, apresentar a íntima relação entre a questão da fraternidade e da ecologia de viés cristão, em meio à complexa realidade atual. Da teologia, se pode captar a relevância de revisitar as fontes com uma hermenêutica que integre, associe e recepcione a questão socioambiental na atualidade.

Palavras-chaves: fraternidade; ecologia; Papa Francisco; novo humanismo; cristianismo.

Abstract: This article will analyze the theme of Christian fraternity and integral ecology in Pope Francis, based on a theological approach of a new humanism that emerges from this pontificate that has its source in the Christian perspective. It aims to highlight the centrality of a humanist vision centered on respect for creation, our common home, the planet, and all beings that inhabit and relate to human beings. Human beings are experiencing a crisis of coexistence and acceptance that they are not at the center in a unique way. Human beings do occupy a central place in the plan of creation, but only if they assume responsibility and ethics for their care and promote the common good. However, this article will discuss the limits of this reality. The reflection will be conducted in three parts. The first will present the great contemporary challenges to human fraternity that directly and indirectly impact the good coexistence of all beings among themselves. The second will seek to analyze the meaning of Christian humanism in theological reflection. This article will show the importance of a position that denounces a paradigm that could lead humanity to a deterioration in the sense of coexistence and fraternity. Finally, it will reflect on the emergence of the new humanism inaugurated in the current pontificate of Pope Francis with his proposal to recover the true meaning of Christianity as a source of meaning for an ecology of respect and care for our common home. The aim of this article is to present the intimate relationship between the issue of fraternity and ecology from a Christian perspective, amidst the complex current reality. From theology, one



can grasp the relevance of revisiting the sources with hermeneutics that integrates, associates and welcomes the socio-environmental issue in the present day.

Keywords: *fraternity; ecology; Pope Francis; new humanism; christianity.*

Introdução

A presente reflexão versa sobre a fraternidade cristã e a ecologia integral no contexto do dinâmico e inovador magistério do Papa Francisco e a sensibilidade cristã no horizonte da crise socioambiental no contexto mundial atual. Cabe à argumentação teológica buscar validar e aprofundar o sentido de um humanismo geral e cristão frente ao desaparecimento de esferas objetivas universais sobre o valor da dignidade humana e do seu modo de se relacionar com o bem comum. A passagem do século XX para o XXI está marcada, não apenas por uma crise de paradigmas ou pontos de diálogo da humanidade entre si, mas acima de tudo por um lento processo de deterioração da casa comum, lugar privilegiado onde todos habitamos.

Retomar um humanismo cristão aberto às perplexidades e crises é urgente e necessário, principalmente quando o problema mais agudo é o excesso de um individualismo consumista que corrói as possíveis pontes de uma fraternidade necessária e justa. Reconhecer-se como irmãos(ãs) de todos e de cuidadosos com a criação é um imperativo ético para a consciência cristã. A questão ecológica, compreendida no horizonte de uma interdependência de tudo com todos(as), está no centro do pontificado do Papa Francisco que é uma consequência direta de uma teologia da criação, cujo amor, cuidado e sentido de amizade deveria se contrapor à lógica do acúmulo desenfreado, da competição e do lucro sem valores éticos.

Esta reflexão se coloca como propositiva no sentido de visitar um humanismo cristão, a partir de uma teologia sólida, em diálogo com os humanismos que nasceram fora da égide religiosa, mas que são portadores de um valor de fraternidade. Pode-se dizer que um verdadeiro humanismo hoje, à luz da visão de uma ecologia integral, move-se não mais enquanto uma defesa apenas do ser humano e da sua dignidade inviolável, mas projeta luz a todas as dimensões da existência, principalmente no habitat comum que nos irmana.

Posto o problema e seu alargamento epistêmico, enseja-se analisar o tema da fraternidade cristã em diálogo com uma ecologia integral. Primeiramente, o caminho de desdobramento se dará mediante uma



apresentação dos principais desafios contemporâneos à fraternidade humanista. Posteriormente, propõe-se entender o humanismo em sua esfera cristã dentro da tradição teológica, denunciando um paradigma anti-humanista e já indicando uma saída e ampliação para a discussão ecológica. Enfim, buscar-se-á analisar o que se chamará de novo humanismo a partir do Papa Francisco a partir do despertar para a questão ecológica ainda em processo de assimilação e de possíveis desdobramentos.

1 Desafios contemporâneos à fraternidade humanista: visão geral e perspectivas

A fraternidade humanista, fundamentada nos princípios de solidariedade, igualdade e respeito pela dignidade humana, enfrenta desafios significativos no contexto contemporâneo. Crises globais, como a crise migratória e a crise ecológica; o neoliberalismo como sua visão mercadológica do ser humano e das relações sociais; e os progressos tecnológicos impulsionados pelas redes sociais, ameaçam a coesão social e a empatia entre os indivíduos. Essas realidades, que também são apontadas como questões a serem superadas nos objetivos gerais da Campanha da Fraternidade 2025, exigem que se repense um novo humanismo, para que ele não pareça um ideal distante e desconectado do mundo concreto.

A migração não é um fenômeno recente nas sociedades humanas. Ao longo da história, os deslocamentos de grupos de pessoas, tanto dentro de uma mesma região quanto entre continentes, ocorreram com regularidade. No entanto, no início do século XXI, as migrações internacionais alcançaram um nível sem precedentes na história da mobilidade humana. Essa nova realidade apresenta vários desafios, seja pela quantidade de pessoas que, pelas mais variadas causas, buscam outro lugar para viver, seja pela repercussão dessas migrações. As políticas públicas de diversos países têm sido impactadas pelos fluxos populacionais de pessoas que chegam ou partem. Muitos desses casos são amplamente noticiados pela mídia e discutidos nas redes sociais.

Martínez destaca que as migrações devem ser vistas como um elemento sistêmico da era global em que vivemos:

Embora os fenômenos migratórios possam ser vistos como uma constante de longa data, com um caráter que varia no contexto das mudanças econômicas e sociais, bem como naqueles que se referem à evolução da



tecnologia e da cultura, hoje não se pode entender a migração sem a globalização (Martínez, 2007, p. 62, tradução nossa).

As migrações são um fenômeno natural e universal, inserido no direito de ir e vir das pessoas. O problema surge quando esses deslocamentos são forçados pelos grandes desequilíbrios mundiais, como guerras, catástrofes naturais, situações de extrema pobreza, perseguição étnica, política e religiosa.

Os problemas migratórios interferem diretamente na organização social, nos costumes e tradições locais. Diante dessas interferências, líderes partidários e governos passaram a fomentar o ressurgimento de movimentos racistas e sectários, com respostas políticas que ameaçam e colocam em risco a própria convivência democrática (Martos, 2011, p. 14). A dicotomia existente entre ‘nós/eles’, ‘nacionais/estrangeiros’, ‘cidadãos/não cidadãos’, também se expressa nas políticas nacionais e internacionais de segurança, como a criminalização dos migrantes sem documentação e a construção de muros e cercas. Como argumenta Bauman, “a solidariedade humana é substituída pela desconfiança mútua [...] impulsionada pelo enfraquecimento dos laços interpessoais e pela dissolução das comunidades” (Bauman, 2016, não paginado, tradução nossa).

É evidente que enfrentamos uma crise humanitária sem precedentes na história e sem perspectivas positivas à vista. Os conflitos persistem e as fronteiras ao redor do mundo permanecem fechadas ao clamor dos que buscam refúgio. A burocracia, a lentidão e a falta de vontade política por parte da comunidade internacional, que se mostra incapaz de oferecer uma resposta ética e humana, contribuem para a perpetuação dessa crise. Além disso, não há um interesse genuíno por parte dessas mesmas entidades em resolver os conflitos ou promover o desenvolvimento nos países mais pobres, de onde provêm as migrações em massa (Martos, 2011, p. 37-38).

Outro desafio à fraternidade humanista é o modelo econômico vigente em boa parte do mundo. O sistema econômico capitalista, ao longo de sua evolução histórica, tem se destacado como uma força dominante na organização das atividades econômicas em escala global. Caracterizado essencialmente pela propriedade privada dos meios de produção e pela acumulação de capital, o capitalismo concede a indivíduos e empresas o controle sobre os recursos gerados pelo sistema produtivo, conferindo-lhes, conseqüentemente, influência nas decisões políticas (Gasda, 2017, p. 574-575).



Ao se expandir para outros setores da vida social, esse modelo econômico intensificou o processo iniciado na modernidade, onde a maximização da riqueza passou a ser a principal medida da economia e da sociedade. O modelo econômico contemporâneo, de matriz neoliberal, se caracteriza por um processo de liberalização e desregulamentação dos mercados, um desenvolvimento tecnológico acelerado e o protagonismo do sistema financeiro, conhecido como financeirização. Assim, todos os mercados acabam sendo regulados pelo setor financeiro (Gasda, 2017, p. 576-577).

As sociedades do século XXI encontram-se sufocadas por uma economia completamente mercantilizada e financeirizada. O sistema financeiro, que originalmente surgiu como um instrumento de apoio à produção de bens e serviços, transformou-se em um fim em si mesmo, impondo suas regras sobre toda a economia. Neste cenário, a busca pelo lucro maximizado tornou-se o motor das relações econômicas e sociais, colocando o valor econômico acima de todos os outros valores, inclusive os éticos e humanos. Como consequência, as pessoas são frequentemente tratadas como meros instrumentos de produção, cujo valor é avaliado com base em sua capacidade de gerar riqueza.

Paralelamente ao processo de globalização da economia, assiste-se à globalização dos problemas ambientais. Nos últimos séculos, um modelo de civilização se impôs, alicerçado na industrialização, com uma nova forma de produção e organização do trabalho. Neste contexto a exploração dos recursos naturais intensificou-se significativamente e assumiu novos contornos, especialmente a partir da Revolução Industrial, impulsionada pelo desenvolvimento de novas tecnologias. Esse processo foi acompanhado pela formação de um mercado mundial, cuja principal característica é o consumo em larga escala, gerando uma demanda global de exploração da natureza (Gasda, 2017, p. 577-578).

A sociedade tem subestimado o alerta de que a manutenção dos atuais padrões de uso dos recursos naturais levará ao seu esgotamento e provocará desequilíbrios significativos. Diante da magnitude das implicações resultantes da ação humana, é necessário reconhecer a crise dos modelos tradicionais de exploração dos recursos naturais baseiam-se na crença em dois infinitos: a ideia de que a Terra possui recursos ilimitados e que o crescimento pode ser infinito (Boff, 2004). No entanto, ambos os infinitos são ilusórios:



A Terra não é infinita, pois se trata de um planeta pequeno com recursos limitados, muitos deles não renováveis, e o crescimento não pode ser infinito e indefinido, pois não pode ser universalizado; se isso fosse possível, precisaríamos de outros três planetas iguais ao nosso (Boff, 2004, p. 15).

O Papa Francisco aponta em que medida a crise ecológica afeta o humanismo ao afirmar:

Se a crise ecológica é uma expressão ou uma manifestação externa da crise ética, cultural e espiritual da modernidade, não podemos iludir-nos de sanar a nossa relação com a natureza e o meio ambiente, sem curar todas as relações humanas fundamentais (Francisco, 2015, p.115; n. 119).

Para ele “há uma lógica que permite compreender como se alimentam mutuamente diferentes atitudes, que provocam ao mesmo tempo a degradação ambiental e a degradação social” (Francisco, 2015, p. 116.; n. 122).

A lógica de uma sociedade que é pautada pelo consumo generalizado de bens precisa de um meio eficaz e ágil para propagar seus produtos. Essa necessidade nos leva ao mais atual e mutável dos desafios ao humanismo fraterno: o advento das novas tecnologias, principalmente as redes sociais. Podemos observar esse fenômeno por vários ângulos, mas, diante dos objetivos deste trabalho, destacamos dois: a algoritmização e a criação de sujeitos bolhas.

Segundo Silveira e Souza (2019, p. 17) “os algoritmos podem ser definidos como um conjunto de rotinas finitas e logicamente encadeadas que tratam dados para atingir os objetivos ou realizar os procedimentos definidos pelos seus desenvolvedores”. A algoritmização é, portanto, um sistema que visa a tomada de decisões, utilizando padrões identificados em dados para prever e orientar escolhas de forma automatizada e eficiente.

A algoritmização fundamenta-se no processamento de grandes volumes de dados com o objetivo principal de extrair padrões que gerem conhecimento específico, estabelecendo correspondências entre elementos baseados em princípios de similaridade, proximidade e afinidade. Stengel e Dourado argumentam que existe um processo de algoritmização do cotidiano, que se manifesta na tentativa de sistematizar os comportamentos dos indivíduos. Esse processo envolve a coleta de padrões, auxiliada por dispositivos tecnológicos que não apenas organizam os dados,



mas também atuam diretamente sobre eles, influenciando e moldando as ações e as decisões das pessoas (Stengel; Dourado, 2022, p. 217).

A algoritmização é possível através dos rastros digitais que deixamos na *internet* (buscas, postagens, interações, mensagens, localização). Esses rastros permitem a criação de categorias supraindividuais ou interindividuais, baseadas na afinidade e similaridade dos elementos, o que pode aproximar ou diferenciar indivíduos ou grupos. A algoritmização traz à tona as antinomias entre privacidade e publicidade, já que tudo é digitalmente rastreado por grandes empresas que mantêm sua atratividade e sustentabilidade no mercado justamente através do conteúdo gerado pelo usuário. Esse tipo de operação empresarial é um dos negócios digitais mais lucrativos atualmente, pois, ao utilizar o rastreamento e a mercantilização do conteúdo produzido pelo consumidor como fonte de lucro, essas empresas transformam a produção espontânea de seus clientes em dados e padrões de consumo, convertendo relacionamentos e interações em produtos. As autoras concluem que esse processo tem se transformado em uma “algoritmização da vida” (Stengel; Dourado, 2022, p. 227).

A digitalização de existência orientada pelos algoritmos, gerador de comportamentos fabricados e gerenciados, leva o fenômeno dos “sujeitos bolhas”. Com o crescimento exponencial das redes sociais e a utilização de algoritmos na análise de perfis dos usuários, os indivíduos ficaram aprisionados em bolhas midiáticas, alimentadas por compartilhamentos de pessoas com diretrizes semelhantes que ditam as tendências. Dessa forma, estabelece-se um “gueto” virtual formado pela propagação e domínio da rede por meio de retóricas polarizadas (Almeida; Ferreira; Melo, 2021, p. 157).

Como consequência das interações dos sujeitos nas bolhas ideológicas, as pessoas ocupam as redes, fechadas em suas convicções e despreocupadas com a verdade dos fatos. Esse deslocamento da realidade acarreta a insensibilidade moral, o descrédito à valores comuns, gerando “pessoas fechadas e anestesiadas em sua capacidade de empatia, alteridade e relação social” (Almeida; Ferreira; Melo, 2021, p. 169).

Diante do exposto, evidencia-se que os desafios enfrentados pela fraternidade humanista no cenário atual são vastos e complexos. Para resgatar o humanismo fraterno, torna-se imperativo repensar as relações humanas e políticas à luz de uma nova ética global, capaz de integrar questões sociais, econômicas e ambientais de forma sustentável



e inclusiva. Neste sentido, é válido analisar como o humanismo em sua esfera cristã dentro da tradição teológica pode contribuir nesta difícil tarefa.

2 O humanismo cristão na reflexão teológica: da denúncia ao paradigma à proposta ecológica

Para o cristianismo, o fim do homem não coincide com o próprio homem, pois a perfeição do homem não está em ser um homem perfeito. O Verbo não se encarna para que nós estejamos orgulhosos de ser carne, mas sim, para elevar-nos a Deus (Panikkar, 1963, p. 249-250). É claro que os princípios humanistas aperfeiçoam, aprimoram o homem como indivíduo e como ser social dentro dos padrões humanos, mas tais princípios, por si só nem redimem nem justificam o homem diante de Deus.

Tratar sobre a questão do humanismo cristão na reflexão teológica supõe remontar à fonte da Revelação, mas sobretudo compreender como que historicamente se foi concebendo o ser humano vulnerável e redimido. Segundo a historiografia clássica, uma revolução pedagógica ocorreu, a partir da segunda metade do século XV e durante todo o século XVI, devido, sobretudo, à redescoberta das línguas antigas, enaltecidas e ensinadas pelos professores dos *studia humanitas*, os humanistas, que se difundiu em seguida como um movimento de pensamento chamado “humanismo” pelos historiadores (Bedouelle, 2004, p. 842).

Portanto, o termo “humanismo” tem suas origens no meio universitário, com o objetivo de pensar o ser humano e seus valores fundamentais, em níveis antropológico, social e cultural. Caracterizou-se pelo estudo dos grandes autores da cultura clássica, grega e romana, dos quais tenta imitar as formas literárias e assimilar os valores humanos. Desse modo, o humanismo não foi somente um movimento que gerou entusiasmo acadêmico, pois estava também ligado à busca dos desenvolvimentos intelectual, ético e moral. Hoje, avista-se ainda um humanismo científico (Cantore, 2002, p. 1406), em que se pretende buscar um alargamento das possibilidades de descobertas sob a égide da ciência, diante de critérios éticos necessários para que haja uma ecologia integral.

O humanismo, uma filosofia que ganhou destaque durante o período renascentista, colocava o homem no centro do mundo. Um de seus pressupostos é a noção de liberdade: o homem é dotado do livre-arbítrio e, por isso, tem a possibilidade de escolher o que fazer.



O homem, senhor de si, pode se comportar de forma a elevar-se entre as outras criaturas e aproximar-se dos seres divinos – louvando-se sua dignidade, racionalidade, valores morais – ou rebaixar-se às criaturas inferiores (Pons, 2003, p. 497).

O humanismo cristão pode ser considerado dentro do desdobramento cultural no contexto ocidental. Ele se entende só pela relação a Cristo, o Deus-Homem, o homem mais perfeito e mais completo que existiu, segundo os cristãos. Uma das evidências dos Evangelhos que constituem a história de Jesus, é que Cristo, aparecendo entre os judeus, manifesta claramente ter uma missão. Ora, se esta missão é recebida do “Pai” e tem, portanto, origem divina, ela visa como escopo fundamental os seres humanos. Quando o próprio Cristo fala de sua missão, Ele não a coloca principalmente na promoção do culto a Deus, do respeito à autoridade, da obediência às leis, mas na renovação, na reabilitação, na revalorização do ser humano: do ser humano todo e de todos os seres (Nogare, 1982, p. 43).

Cristo amou e ajudou sem exceção a todos aqueles que recorriam a Ele com humildade e fé, mas houve uma categoria de pessoas que Ele amou com predileção e à qual dedicou particular atenção e cuidados: os marginalizados da sociedade, as prostitutas, os pecadores, os pobres em geral. Na perspectiva de Jesus de Nazaré o ser humano em sua vulnerabilidade começou a ser tratado como pessoa. Pode-se dizer, deste modo, que o aspecto mais universal e eficaz do humano do Evangelho é dado pelo preceito do amor, enquanto centro e epílogo de toda a mensagem cristã. Depois de ter oferecido em si um exemplo de vida, toda ela inspirada no amor do próximo, Jesus Cristo, pela primeira vez na história, proclamou que toda a lei se resume em dois preceitos, que, aliás, se integram num só: o amor de Deus e o amor ao próximo (Comblin, 2005, p. 10).

O centro do humanismo cristão dá-se, outrossim, nesta legítima interpretação da lei veterotestamentária feita por Ele mesmo. Emerge, um traço particular a respeito do modo comum de compreendê-la até agora difundido: salientar a misericórdia e o amor. É este o cerne escondido e a intenção profunda da revelação veterotestamentária que Jesus coloca em primeiro plano e não, ao invés, o frio juridicismo ao qual a havia reduzido a interpretação de muitas escolas rabínicas do tempo. Além do mais, e acima de tudo, a novidade consiste no fato de que a lei da misericórdia e do amor, antes de ser uma exigência que Cristo dirige aos seus seguidores, torna-se a oferta gratuita da parte de Deus. A atitude inicial



do discípulo é aceitar com gratidão a revelação deste amor divino que se torna concreto no dom do Filho (Zuccaro, 2007, p. 31-32).

Em Jesus de Nazaré se solidifica para a posteridade, portanto, um humanismo intitulado “cristão”, pois este coloca no centro da missão eclesial e do mundo ocidental a pessoa humana e suas demandas. A tradição posterior à comunidade primitiva continuará a endossar essa prática de amor deixada por Jesus e seus apóstolos num contexto eclesial da nova vida no Espírito. Para Paulo, esta “vida nova”, isto é, a transformação operada pelo Espírito do ressuscitado na vida dos cristãos (Bíblia, 1991, p. 1375, 1383; Rm 1,4; 8,14-17) gera uma nova atitude frente às pessoas e ao mundo. A existência nova, vivida na fé e no batismo pelo dom do Espírito Santo, engendra no cristão caridade e conhecimento (Junges, 2001, p. 123), fontes de um verdadeiro humanismo.

A tradição teológica posterior a Paulo, no contexto tanto das comunidades cristãs como da reflexão teológica dos Santos Padres, sempre valorizou um humanismo a partir do mistério de Cristo, que colocou no centro a preocupação com a pessoa humana, principalmente os mais vulneráveis. Na visão cristã, só Deus dá uma resposta plena e totalmente certa à grande interpelação sobre a existência.

Nesta perspectiva, em linhas gerais, pode-se sintetizar o humanismo cristão, desdobrado na longa tradição a partir de quatro referências. A *primeira* foi a tentativa de responder o que é o ser humano. Nesta, buscou-se compreendê-lo à luz da criação e das novas descobertas antropológicas e científicas, aprofundando a dependência de todo humano ao Deus amor que tudo transforma. Na *segunda*, interpela-se sobre o ser humano como criatura de Deus. Esta abordagem, de caráter mais bíblico, foi aprofundada a partir da semelhança de todo ser humano a Deus, princípio criador; é Nele que toda pessoa se torna uma unidade indissociável entre corpo e alma, dimensão misteriosa a ser resgatada pela decisão moral e no encontro com Cristo. A *terceira* orienta-se na constatação de que todo ser humano é pecador; isso explicita a dimensão de sua historicidade, os limites, as fragilidades e as dificuldades em tomar decisões morais com total perfeição. Enfim, a *quarta* perspectiva desdobrou-se do fato de que todo ser humano é irmão de Cristo. Toda a humanidade, neste sentido, encontra nele o ideal de felicidade, podendo realizar a grande descoberta da fraternidade universal, onde é possível unir as diferenças e se irmanar pelos ideais do amor e da caridade (Schütz, 1998, p. 546-547).



O Concílio Vaticano II também tratou do humanismo a partir de uma dimensão própria. Ele se encontra de modo particular na *Gaudium et Spes*. A novidade do Vaticano II em termos de humanismo consiste na proposição ao cristão de um modelo de ser humano voltado não apenas ao céu, mas também à terra (Paulo VI, 1965, não paginado; GS, n. 43). A específica contribuição do Concílio sobre o tema dá-se pelo fato de que a proposição foi realizada no contexto do século XX, em meio às disseminadas visões materialistas de humanismo, com as quais a Igreja terá que se confrontar e responder.

De modo sintético, as principais características de um humanismo cristão, podem ser caracterizadas a partir das seguintes ideias: humanismo enraizado no mistério do Deus-homem; o ser humano imagem do Pai, remido pelo Filho, vivificado pelo Espírito; da fuga do mundo para a cura do mundo; o humanismo social; os direitos humanos; uma teologia do corpo humano e a importante relação equilibrada entre a fé e razão (Marchionni, 2015, p. 444-447).

O convite do Papa Francisco é descobrir e transmitir a mística do cristianismo como humanismo autêntico e radical. Rahner chamava a atenção sobre a necessidade de distinguir cristianismo e humanismo cristão. O humanismo cristão é o modo concreto como o cristão vive seu cristianismo, mas o cristianismo não é um humanismo cristão, ele é a afirmação de um humanismo sempre novo e, neste sentido, todo humanismo concreto é sempre superável. Por esta razão, o cristianismo é a condenação de todo humanismo concreto, incluído o cristão, que se erige em absoluto e que, por tanto, se fecha na imanência, bloqueando o caminho ao futuro sempre novo (Rahner, 1970, p. 57-60). Diz o Papa Francisco,

A 'mística' de viver juntos, misturar-nos, encontrar-nos, dar o braço, apoiar-nos, participar nesta maré um pouco caótica que pode transformar-se numa verdadeira experiência de fraternidade, numa caravana solidária, numa peregrinação sagrada... Como seria bom, salutar, libertador, esperançoso, se pudéssemos trilhar este caminho! Sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem. Fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos (Francisco, 2013, não paginado; EG, 87).

Assim, o humanismo cristão na tradição teológica passou por processos de transformação ao longo da história. Em tese, a reivindicação de um humanismo, que defende o ser humano em todos os seus âmbitos,



aparece sempre num contexto de crise e de retorno ao essencial. Na atualidade, este humanismo assume uma denúncia da crise ambiental e anúncio de uma ecologia integral. O Papa Francisco, com seu humanismo evangélico, sugere que todo cristão assuma o seu empenho batismal no cuidado com toda a casa comum, na responsabilidade por toda a criação.

3 Papa Francisco e o novo humanismo: o despertar da questão ecológica

O tema da ecologia integral é um dos mais essenciais e discutidos pelo Magistério da Igreja, pois reconhece que a dignidade de cada ser se manifesta plenamente numa lógica de relação com outros seres e com o mundo. Essa relação não se baseia no domínio, imposição ou competição, mas sim em uma ética de cuidado, cooperação e reciprocidade. Por esse motivo, no discurso proferido no Congresso de Ambiente e Saúde, em 1997, o Papa João Paulo II expressou sua preocupação com a questão da ecologia integral em conexão com o meio ambiente. Ele destacou, a partir da questão da saúde, um novo desafio para a humanidade relacionado à preservação ambiental, que exigia uma solução urgente. Segundo ele, a humanidade precisava adotar uma nova abordagem fundamentada em uma sólida dimensão ética (João Paulo II, 1997, não paginado; n. 1).

O Papa Francisco segue esse mesmo caminho ao insistir na ecologia integral. Sua visão vai além e mostra a realidade humana dentro da criação. Através da Carta Encíclica *Laudato Si'*, ele busca superar o antropocentrismo típico do humanismo iluminista, que atribuía ao ser humano o poder absoluto sobre o universo (Cardoso, 2024). O Papa Francisco propõe uma nova visão que destaca a interdependência, a interligação e a responsabilidade das criaturas no mundo. É crucial entender o valor de cada ser, o sentido humano da ecologia, da responsabilidade da política e da cultura e finalmente, a necessidade de um novo estilo de vida (Francisco, 2015, p. 17; n. 16).

De acordo com o Papa Francisco, precisamos compreender a interdependência dos seres na criação. Não é possível vê-los como entidades separadas ou desvinculadas da natureza; estão sempre inter-relacionados, e cada um depende do outro. Existe uma conexão entre todos os seres e a natureza, como confirma Boff: “A natureza, parte da ecologia, é a grande metáfora da Trindade, criada à sua imagem e semelhança: tudo é relação de tudo com tudo, um pluriverso, e nós imersos nele” (Boff, 2015, p.



139). Assim, qualquer paradigma que considere a natureza apenas como recurso a ser explorado, sem reconhecer seu valor, deve ser denunciado. E não é aconselhável adotar um paradigma tecnocrático, onde a natureza é vista apenas como recurso, pois isso compromete o futuro dos seres e do ecossistema. É lógico concordar com o Papa Francisco quando afirma: “Não pode existir um autêntico sentimento íntimo de união com os demais seres da natureza se, ao mesmo tempo, não houver compaixão pelos seres humanos” (Francisco, 2015, p. 59; n. 91).

O novo humanismo promovido pelo Papa Francisco requer uma profunda conversão e a assunção de responsabilidades em relação à Criação (Cardoso, 2024). Esse humanismo concebe o ser humano como parte de uma comunidade global interconectada, reconhecendo a urgência de cuidar da criação. Trata-se de um humanismo que propõe uma “conversão ecológica”, na qual o mundo é visto como um dom do amor de Deus. Essa visão convoca o ser humano a mobilizar suas capacidades, criatividade e entusiasmo para enfrentar as crises climáticas e sociais que desafiam o presente, contribuindo, simultaneamente, para a construção de um mundo mais justo, solidário e equilibrado. Dentro dessa perspectiva, as culturas de consumismo exacerbado, características do mundo moderno, são fortemente criticadas pelo Papa, pois desumanizam as relações sociais, gerando indiferença, injustiças e desigualdades.

Segundo o Pontífice, esse novo humanismo, deve apresentar uma perspectiva em que o desenvolvimento sustentável e a justiça social caminhem juntos, promovendo uma vida digna para todos (Francisco, 2023, não paginado; n. 39). Esse humanismo, ao buscar a dignidade para todos, reflete uma sensibilidade especial em relação aos mais vulneráveis, reafirmando o primado da pessoa humana e a defesa de sua dignidade. O Papa convoca todas as esferas de poder a reavaliar e enfrentar os desafios relacionados ao humanismo e à dignidade humana. Trata-se não de uma crítica à política, mas de um apelo à busca por soluções concretas (Francisco, 2015, p. 30; n. 40).

A humanidade precisa ter consciência de sua origem comum e de um futuro compartilhado por todos. Essa convivência abre espaço para novas convicções, atitudes e estilos de vida, fundamentados na interdependência ecológica. A educação com responsabilidade ambiental tem grande importância no desenvolvimento do humanismo atual. Segundo o Papa Francisco, ela “incentiva comportamentos importantes no cuidado do meio ambiente” (Francisco, 2015, p. 123; n. 211). A educação



ambiental deve ser promovida nas escolas, nos meios de comunicação, na catequese e principalmente, nas famílias, onde se cultivam os primeiros hábitos de amor e cuidado com a vida. As instituições políticas, as comunidades cristãs e outras organizações também têm um papel fundamental na conscientização da população para combater os desafios do novo paradigma humanista.

Dessa forma, é razoável ampliar nossa análise para o artigo 225 da Constituição da República Federativa do Brasil, que estabelece que “todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida” (Igliori, 2006, p. 60). Esse meio ambiente ecologicamente equilibrado é caracterizado por ser livre de poluição, equitativo, saudável e higiênico, assegurando, assim, o direito à vida e à dignidade da pessoa humana. Além disso, compete ao poder público promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino, bem como a conscientização pública para a preservação do meio ambiente, a qualidade de vida e a sustentabilidade. A partir dessa perspectiva, podemos compreender a relevância da questão ecológica, especialmente para a formação das novas gerações, visando criar uma relação mais harmônica e não predatória com o meio ambiente (Gomes, 2024, p. 1).

A postura profética da Igreja é crucial no contexto do novo humanismo integral. O Papa Francisco desperta a Igreja para sua missão de proclamar o bem comum, a paz, a justiça socioambiental e o compromisso com as futuras gerações (CNBB, 2024, p. 5). Desrespeitar a “casa comum”, é desvalorizar o Criador e sua obra. A Igreja deve conscientizar o povo sobre ações que são prejudiciais a Deus, ao próximo e ao meio ambiente. Esse trabalho de sensibilização e uma visão positiva sobre o mundo e seus benefícios definirão o papel profético da Igreja na promoção da ecologia integral (Francisco, 2020, p. 34; n. 42).

O diálogo entre as religiões e as ciências oferece uma via promissora para a compreensão da essência das criaturas e do mundo natural. De um lado, as ciências, com suas limitações metodológicas, não conseguem explicar plenamente a realidade humana em sua totalidade e sua relação integral com o universo. No entanto, as ciências fornecem um conhecimento valioso sobre o funcionamento do universo e da vida. Por outro lado, a perspectiva religiosa complementa essa visão, ao oferecer uma abordagem ética e espiritual, reconhecendo a criação como expressão do amor divino. Ademais, o Papa Francisco acrescenta que, “os textos



religiosos clássicos propiciam uma força motivadora que amplia os horizontes da compreensão” (Francisco, 2015, p. 116; n. 199). Deste modo, o intercâmbio entre as religiões e as ciências, promovem uma abordagem mais integral, e essencial para a formação de um novo humanismo.

A importância da inculturação, que respeita as tradições e particularidades de cada povo, é essencial para um diálogo inclusivo e para a construção deste humanismo transformador. O Papa Francisco destaca, de maneira especial, o elemento da inculturação, considerando que a avaliação de qualquer povo e de sua vida deve partir da realidade e da história de seu próprio território. Segundo ele, deixar de contemplar a tradição, os costumes e os comportamentos de um povo equivalem a cortar a raiz de uma árvore em crescimento (Francisco, 2020, p. 45; n. 66). Não haverá uma resposta adequada no processo de avaliação do humanismo contemporâneo se esquecermos a essência particular de cada povo. Isso ocorre porque, nessa essência, reside uma autêntica noção de riqueza que projeta toda a memória daquele povo. Além disso, não se pode deixar de mencionar, nessa abordagem, a sabedoria cristã, que atravessou séculos de história, como um dos modelos de atenção e confiança na humanidade. É evidente que o processo de inculturação enfrenta desafios e não é amplamente aceito, mas isso não pode impedir seu avanço. Precisamos enfrentar corajosamente os desafios das inovações, criando caminhos novos, como afirma o Papa Francisco, e sempre encontraremos auxílio no Espírito Santo (Francisco, 2020, p. 47; n. 69). Dessa forma, a inculturação surge como uma ferramenta vital para o diálogo entre os povos, respeitando suas particularidades e contribuindo para um humanismo verdadeiramente inclusivo e transformador.

Por fim, a fraternidade universal desempenha um papel central na construção de um novo humanismo. Cada indivíduo deve desenvolver uma consciência e uma preocupação genuína pelo outro, reconhecendo a interdependência que caracteriza as relações humanas e ambientais. Nesse sentido, concordamos com Boff, ao afirmar que:

Um ser vivo não pode ser visto isoladamente como um mero representante de sua espécie, mas deve ser analisado em relação ao conjunto das condições vitais que o constituem e no equilíbrio com todos os demais representantes da comunidade dos viventes em presença (Boff, 1996, p. 18).

Desta forma, Boff sugere que o indivíduo faz parte de uma teia mais ampla de interconexões, na qual a existência de cada ser está em



constante relação com o todo. A fraternidade, portanto, emerge como um princípio essencial para promover o equilíbrio entre os seres humanos e a natureza, estabelecendo as bases para um humanismo que se preocupa tanto com a preservação da vida quanto com a justiça social.

Conclusão

Os sistemas morais têm sido construídos tomando como base a reflexão sobre as relações do homem, do ser humano, com outros seres humanos e do próprio homem com a sociedade e as instituições sociais. Ficava de fora uma terceira dimensão que se coloca hoje de forma urgente: as relações do ser humano com o meio ambiente, e este visto agora como aquilo que se acha além da estrita comunidade dos humanos. Introduzir esta dimensão na reflexão ética supõe que se abandone a concepção do homem como dono e proprietário do meio, da natureza, para compreendê-lo como simples usuário.

Uma concepção humanista não se reduz a uma visão antropocêntrica sobre a realidade, pois resgata a ideia de fraternidade cristã que não se restringe aos seres humanos, mas engloba um respeito profundo a todo tipo de vida presente no Planeta.

O futuro da vida humana no Planeta depende de um novo humanismo que pode ser assumido por religiosos ou não, por cristãos ou não nas novas formas de boa convivência, com respeito e responsabilidade.

Encontra-se no magistério legítimo do Papa Francisco uma grande preocupação com a vida em sua integralidade. Nesta, há a emergência de colocar no centro da preocupação com a construção do Reino de Deus a questão ecológica enquanto realidade de interdependência e boa relação entre todos os seres com o ser humano e vice-versa. Impõe-se, nos tempos atuais e aos teólogos, a mudança de paradigma sobre a relevância de repensar a teologia da criação e a ética cristã a partir desta visão sobre o que é a relação de subsidiariedade sobretudo nas relações.

Do pontificado do Papa Francisco emerge um relevante e original proposta de um novo humanismo a partir do paradigma de fraternidade total e ecologia integral. A partir de sua visão poliédrica, de uma ecle-siologia de base comunitarista e de reciprocidades de tudo como todos, surge a visão de que é necessário compreender as novas lógicas de poder e financeiras e assim, rever a discursividade cristã. Esta foi tradicionalmente mais individualista que social-comunitária.



A Campanha da Fraternidade de 2025, assumindo esta mensagem central do Evangelho, e, no coração do pontificado do Papa Francisco, propõe assumir como referência teológico-pastoral a ecologia integral. Esta só é possível de ser vivida e refletida no horizonte de uma visão de fraternidade que assuma toda a criação como locus da casa comum e da efetiva construção do Reino de Deus. O grande desafio para a toda a Igreja está em integrar a questão de uma ecologia integral no contexto da sinodalidade. Teologicamente é urgente aprofundar a questão da criação no contexto da grande tradição eclesial, levando em consideração o contexto tecnocêntrico e de crise ecológica. Avistamos com esperança esta temática no sentido de despertar para uma conscientização em torno da ética do cuidado e do bem comum.

Referências

ALMEIDA, André Luiz Boccato de; FERREIRA, Lúcia Eliza; MELO, Aloisio. A formação da consciência em uma cultura de “sujeitos bolhas” cristãos. Uma análise ético-teológica propositiva a partir da moral social do Papa Francisco. In: *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 36, n. 1, p. 153-172, jan.-abr. 2021. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/1647/1324>. Acesso em: 18 set. 2024.

BAUMAN, Zygmund. No more walls in Europe: tear them down. *Social Europe*, 2016. Disponível em: <https://www.socialeurope.eu/no-walls-europe-tear>. Acesso em: 16 set. 2024.

BEDOUELLE, Guy. Humanismo cristão. In: LACOSTE, Jean-Yves (org.). *Dicionário Crítico de Teologia*. São Paulo: Loyola/Paulinas, 2004, p. 842-845.

BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Paulus, 1991.

BOFF, Leonardo. *Ecologia Grito da terra, Grito dos Pobres*. 2. ed. São Paulo: Ática S.A, 1996.

BOFF, Leonardo. *Ecologia Ciência Espiritualidade*. A transição do Velho para o Novo. Rio de Janeiro: Ardeídeas Navegação Cultural, 2015.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: Ética do Humano – compaixão pela terra*. Petrópolis: Vozes, 2004.

CANTORE, Enrico. Umanesimo científico. In: TANZELLA-NITTI, Giuseppe; STRUMIA, Alberto (a cura di). *Dizionario Interdisciplinare*



di Scienza e Fede 2. Cultura científica, filosofia e teologia. Roma: Città Nuova: Urbaniana University Press, 2002. p. 1399-1409.

CARDOSO, João Santos. O humanismo do Papa Francisco. In: *Jornal da CNBB*. Brasília [online], 29/08/2024. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/o-humanismo-do-papa-Francisco>. Acesso em: 13 set. 2024.

CNBB. *Edital de concurso para escolha da Identidade visual da campanha da fraternidade 2025: Fraternidade e Ecologia Integral*. Brasília, 29/04/2024. Disponível em: <https://www.cnbb.org.br/wp-content/uploads/test-for-pdf/Edital-Identidade-Visual-da-CF-2025-Protocolado.pdf>. Acesso em: 17 set. 2024.

COMBLIN, José. Cristianismo e Corporeidade. In: *Corporeidade e Teologia*. São Paulo: Paulinas: Soter, 2005. p. 3-20.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. Roma, 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 23 set. 2024.

FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Laudato Si'*: sobre o Cuidado da Casa Comum. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica "Querida Amazônia"*: Exortação Apostólica Pós-Sinodal. São Paulo: Loyola, 2020.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Laudate Deum*. Roma, 2023. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/20231004-laudate-deum.html. Acesso em: 15 set. 2024.

GASDA, Élio. Essa economia mata (EG, 53). Crítica teológica do capitalismo inviável. In: *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, vol. 49, n. 3, 2017, p. 573-587. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/3899/3911>. Acesso em: 18 set. 2024.

GOMES, Daniel. Educação ambiental: O despertar da Consciência precede os comportamentos. *Cadernos Laudato Si, por uma ecologia integral*. In: *O São Paulo* [online], São Paulo, 11 de setembro de 2024. Disponível em: <https://osaopaulo.org.br/sao-paulo/educacao-ambiental-o-despertar-da-consciencia-precede-os-comportamentos/>. Acesso em: 24 set. 2024.



JOÃO PAULO II. *O discurso aos participantes na Conferência Internacional promovida pelo Pontifício Conselho para a Pastoral no Campo de Saúde*. Roma, 08 de novembro de 1997. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii_19971108_pastorale-salute.html. Acesso em: 14 set. 2024.

IGLIORI, Julio. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Atualizada até a Emenda Constitucional No 52. 5. ed. São Paulo: Iglu Ltda, 2006.

JUNGES, José Roque. *Evento Cristo e Ação Humana*. Temas Fundamentais de Ética Teológica. São Leopoldo: Unisinos, 2001 (Coleção Theologia Publica 1).

MARCHIONNI, Antonio. Humanismo. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes. *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas: Paulus, 2015. p. 443-447.

MARTÍNEZ, Julio Luis. *Ciudadanía, migraciones y religión*. Madrid: San Pablo, 2007.

MARTOS, Francisco Gómez. Reflexões sobre as novas políticas europeias para os imigrantes. In: *Desafios para a construção de uma agenda comum entre Brasil e Europa*. Rio de Janeiro: Konrad-Adenauer-Stiftung, 2011. p. 13-41. Disponível em: https://www.kas.de/c/document_library/get_file?uuid=2b7cbd1a-d457-e114-ae49-0246f7825bf7&groupId=265553. Acesso em: 16 set. 2024.

NOGARE, Pedro Dalle. *Humanismos e anti-humanismos*. Introdução à Antropologia Filosófica. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

PANIKKAR, Raimon. *Humanismo y Cruz*. Madrid: Ediciones Rialp, 1963.

PAULO VI. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*: sobre a Igreja no Mundo Atual. Roma, 7 de dezembro de 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em: 17 set. 2024.

PONS, Alain. Renascimento. In: CANTO-SPERBER, Monique (org.). *Dicionário de Ética e Filosofia Moral*. São Leopoldo: Unisinos, 2003. p. 496-501.

RAHNER, Karl. Humanisme Chrétien. In: *Ecrits théologiques v. X. Monde moderne et théologie*. Paris: Desclée Brouwer, 1970, p. 49-68.



SCHÜTZ, C. Ser Humano. *In*: KÖNIG, Franz Cardeal; WALDENFELS, Hans. *Léxico das Religiões*. Petrópolis: Vozes, 1998. p. 541-549.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da; SOUZA, Joyce Ariane de Souza. Gestão algorítmica e a reprodução do capital no mercado segurador brasileiro. *In*: *Contracampo*, Niterói, v. 39, n. 2, p. 15-27, ago./nov. 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/38575/pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.

STENGEL, Márcia; DOURADO, Simone Pereira da Costa. A organização da vida na modernidade estendida: cotidiano e algoritmização. *In*: GUIMARÃES, Joaquim Giovanni Mol; SOUZA, Robson Sávio Reis; ALVES, Claudemir Francisco. PENZIM, Adriana Maria Brandão (org.). *O novo humanismo: paradigmas civilizatórios para o século XXI a partir do Papa Francisco*. São Paulo: Paulus, 2022. p. 203-230.

ZUCCARO, Cataldo. *Cristologia e Moral*. História, Interpretação, Perspectivas. São Paulo: Ave-Maria, 2007.